

NOTA DE LEITURA

DENIPOTI, Cláudio: Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

Uma visão particular

Ney Haroldo Pereira Lopes

Na obra “Páginas de Prazer”, o autor, com propriedade, parte de um conceito teórico, utilizado também por Roger Chartier, onde canaliza o seu olhar para a chamada comunidade de leitores, propondo que, na história da leitura, os livros são lidos por grupos específicos de leitores. Assim, essa comunidade é construída a partir de um espaço e de um período também específicos.

O cenário escolhido, nesse caso, para tal tarefa, é a Curitiba da virada do século, cujo panorama é traçado a partir de todas as nuances e características próprias daquele momento histórico, onde as transformações/alterações sociais aconteciam num ritmo constante, ficando patente a idéia de que a comunidade via a necessidade imperativa de se adaptar às normas impostas por um novo ideário, sobretudo europeu, para o qual a incorporação de certos costumes estrangeiros parecia determinante da adequação àquela nova realidade urbana e cosmopolita que se prefigurava.

É perceptível, ao longo da leitura, a inquietação do autor no que se refere ao aspecto direcional da obra, objetivando a abrangência da camada leitora e não só a clientela acadêmica, constituindo-se seu livro, em escrita plenamente acessível, ao mesmo tempo em que mostra um apego fiel ao ângulo científico.

Para definir a comunidade de leitores necessária à consecução do livro, o autor se utiliza das fichas de leitores da Biblioteca

Pública do Paraná, procurando a partir delas, arquitetar/reconstruir a visão que as pessoas tinham da sexualidade naquela época.

Os registros provenientes das fichas de leitores, somados à produção oriunda da leitura daqueles livros, oferecem parâmetros suficientemente seguros para se proceder a uma reconstrução o mais fiel possível do imaginário do período estudado, mostrando como os homens da época teciam sua ótica/se relacionavam com o sexo/sexualidade, assunto cuja abordagem certamente representava um tabu no que tange à conjuntura histórica, uma proibição convencional, talvez imposta pelas nuances culturais presentes na civilização ocidental.

A utilização de um personagem fictício, no caso o bibliotecário, como fruto das intenções do autor de explicitar a proposta de seu trabalho, vem enriquecê-lo, na proporção em que, não só torna a leitura mais dinâmica e inteligível, como também induz o leitor a se reportar a um tempo histórico específico e também a espaços físicos que, embora reais, não apresentam necessariamente familiaridade com o leitor, o que o transporta a um mundo no qual o conteúdo da obra se constrói em decorrência de uma mescla de fantasia e realidade, facilitando a apreensão da proposta do escritor ao mesmo tempo em que não macula o objeto, mas, ao contrário, o enaltece.

A partir da utilização que o autor faz das obras de Pierre Garnier e de Paolo Mantegazza, ele constrói um interessante paralelo que demonstra, por um lado (apesar da divergência de ambos na abordagem do tema proposto), o potencial atrativo que tais livros exerciam sobre seus leitores, o que fica claro quando o autor menciona os números de acesso a tais volumes e a frequência com que eram retirados. Por outro lado, tais números também mostram como a construção da sexualidade no imaginário daqueles jovens (segundo o autor, a média etária girava em torno de 20 anos) ocorria de forma difusa, ainda que obedecendo às posturas distintas dos dois autores supracitados, em relação ao assunto.

Na obra de Garnier percebe-se o tratamento que o mesmo dispensa aos “desvios” sexuais, como o onanismo e a bestialidade, qualificando-os como fenômeno patológico, sendo o casamento e a

monogamia antídotos poderosos e eficazes contra esse mal, oriundo da contaminação do vírus positivista.

A obra de Mantegazza, ao contrário, embora também enfatize o aspecto saudável da união matrimonial, dava à sexualidade uma conotação/abordagem mais racional, mostrando de certa forma que aqueles “desvios” combatidos por Garnier eram, na verdade, resultado da inserção e da convivência natural das pessoas no conjunto social. Com isso, combatia aquilo que ele classificava como hipocrisia ocidental em relação ao amor e ao casamento.

O grande valor de *Páginas de Prazer* reside justamente na percepção do autor que, a partir do conceito teórico utilizado, consegue a abordagem isenta de um tema que ainda hoje parece paradoxal na sociedade. Assim, o período delimitado, bem como o grupo utilizado para tal trabalho (comunidade de leitores), revela em sua historicidade como a escrita de um determinado tema e a consequente leitura dessa escrita podem ser determinantes de construções sociais distintas, ou seja, como a produção historiográfica interage com os leitores ao longo do tempo, criando visões de mundo peculiares. Dessa forma, é difícil discordar da máxima que preconiza que o homem é contemporâneo ao seu tempo.

